

Relatório de Estágio

André Filipe de Sousa Castanheira Duarte Gonçalves

Comunicação Multimédia

dez | 2022

GUARDA
POLI
TÉCNICO



POLI TÉCNICO GUARDA

Escola Superior de Educação, Comunicação e Desporto

RELATÓRIO DE ESTÁGIO

**ESTÁGIO COM RELATÓRIO FINAL
PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE LICENCIADO EM
COMUNICAÇÃO MULTIMÉDIA**

**André Filipe de Sousa Castanheira Duarte Gonçalves
Dezembro / 2022**

Ficha de Identificação

Discente | André Filipe de Sousa Castanheira Duarte Gonçalves

Número de estudante | 1704148

Curso | Comunicação Multimédia

Estabelecimento de ensino | Instituto Politécnico da Guarda - Escola Superior de Educação,
Comunicação e Desporto

Orientador | Prof. Doutor Jorge Gonçalves

Supervisor na Organização | Dra. Madalena Ferreira

Grau Académico | Licenciada em Jornalismo e em Direito

Entidade | Sociedade Independente de Comunicação - SIC – Delegação da Guarda

Morada | Avenida Dr. Francisco Sá Carneiro, n.º 50, 6300-559 Guarda

Telefone | 271 230 046 / 961 780 674

Site | www.sic.sapo.pt

Data de início de estágio | 04 de maio de 2022

Data de fim de estágio | 18 de julho de 2022

Duração | 400 horas

Agradecimentos

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer ao Instituto Politécnico da Guarda e à Escola Superior de Comunicação, Educação e Desporto, pela oportunidade de realizar a licenciatura em Comunicação Multimédia.

Em seguida, aos professores que me acompanharam durante os três anos, pelos seus ensinamentos, apoio e motivação dada. E em específico ao meu orientador, Jorge Gonçalves, que desde o início se disponibilizou para apoiar em tudo o que precisasse durante a realização do relatório de estágio.

Um especial obrigado à delegação da Guarda da SIC, à minha supervisora, Madalena Ferreira e ao repórter de imagem, Paulo Gabriel por me terem recebido de braços abertos para a realização de estágio, onde me apoiaram desde o primeiro ao último dia e ajudaram a aprender mais sobre tudo o que se relaciona tanto à área de jornalismo como de repórter de imagem, bem como várias lições que posso levar não só para a minha vida profissional como pessoal.

Por fim gostaria de gratificar a minha família, pois sem eles não teria hipótese de me candidatar, para começar, e sem o apoio deles não teria conseguido seguir até ao fim e concluir o curso.



Resumo

O estágio, bem como o relatório apresentado são obrigatórios para a conclusão da Licenciatura em Comunicação Multimédia.

O relatório caracteriza a entidade, delegação da Guarda da SIC, e descreve as atividades realizadas no estágio. Durante o mesmo acompanhei a obtenção das imagens nos locais e das entrevistas, bem como a gravação dos textos e a edição das reportagens, entre outras atividades.

O estágio permitiu aplicar e desenvolver algumas das habilidades conquistadas durante os três anos de aulas, além de entender melhor o mundo profissional na área do Jornalismo.

Palavras-chave: Comunicação Multimédia, SIC – Delegação da Guarda, Jornalismo, Reportagem.

Índice Geral

Ficha de Identificação.....	I
Agradecimentos	II
Resumo	III
Índice de Figuras	VI
Índice de Tabelas	VI
Lista de Acrónimos e Siglas	VII
Glossário.....	VIII
Introdução	1
Capítulo I: Organização - SIC.....	2
1. Grupo IMPRESA.....	3
1.1. Órgãos Sociais	4
2. SIC	6
3. SIC Notícias.....	8
4. SIC Esperança	8
5. Delegação da Guarda.....	8
5.1. Comunicação Interna.....	9
5.2. Instalações e Recursos	9
5.3. Análise SWOT.....	10
Capítulo II: Estágio	12
1. Jornalismo Televisivo.....	13
2. Edição de vídeo	17
3. Participação em Reportagens.....	20
4. Participação em Diretos.....	22
5. Participação na reportagem para a Janela de Esperança.....	22
6. Participação na Reportagem Especial.....	24



Reflexão Final 26

Bibliografia..... 27

Anexos

Apêndices



Índice de Figuras

Figura 1 - Grupo IMPRESA.....	3
Figura 2 - Órgãos sociais do Grupo IMPRESA	5
Figura 3 - Evolução do Logotipo da SIC.....	6
Figura 4 - Orgãos Sociais da SIC	7
Figura 5- Escala de planos.....	19
Figura 6 - Guias para invisuais no museu	23

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Tabela Cronológica do Grupo IMPRESA	4
Tabela 2 - Modelo de Análise SWOT	11
Tabela 3 - Análise SWOT à delegação da Guarda da SIC	11

Lista de Acrónimos e Siglas

GP - Grande Plano

MGP - Muito Grande Plano

PA - Plano Americano

PD - Plano de Detalhe

PG - Plano Geral

PGM - Plano Geral Médio

PM - Plano Médio

PMG - Plano Muito Geral

PP - Plano Próximo

SIC – Sociedade Independente de Comunicação

TMG – Teatro Municipal da Guarda



Glossário

Enquadramento - Uso das bordas do quadro do filme para selecionar e compor o que será visível no campo da imagem (Bordwell & Thompson, 2013)

Raccord – O raccord é uma técnica cinematográfica que assegura a continuidade entre cenas, podendo ser definido como uma forma de ligação das últimas imagens de um plano às imagens do plano seguinte (Batista, 2018)

Stand-in – Um *Stand-in* é uma pessoa que assume o lugar do ator principal, no caso do jornalismo, dos entrevistados, para preparar posicionamentos de câmara, luz e realizar ensaios (Dubitsky, 2018)

Voz-off - Recurso cinematográfico que se refere ao uso de voz fora do plano, gravada posteriormente (Porto Editora, 2020)

Introdução

Este relatório é necessário para a conclusão da licenciatura em Comunicação Multimédia e vem em seguimento do estágio curricular, realizado na Delegação da Guarda da Sociedade Independente de Comunicação (SIC), a escolha desta instituição deveu-se à curiosidade pelo mundo jornalístico e ao facto de ser na zona em que sempre vivi e por isso já conheço bem. Estágio esse que segue o plano de trabalho, no modelo GESP.004 (Anexo I), assinado antes do início do mesmo e cumprido dentro das possibilidades.

No primeiro capítulo é realizada uma contextualização da SIC, e da delegação da Guarda, sendo que o segundo, descreve com mais detalhe as atividades realizadas no estágio.

Durante este período acompanhei a recolha de imagens nos locais das reportagens, realização de entrevistas, gravação de diretos, gravação das voz-off e edição das reportagens. Para terminar, foi feita uma reflexão final, com uma síntese do relatório e uma pequena análise ao estágio e ao curso em geral.

Capítulo I:

Organização - SIC

A SIC é um dos principais canais portugueses, sendo, por isso, conhecida pela grande maioria dos cidadãos. A estação faz parte do grupo IMPRESA, sendo, por isso, importante fazer uma breve descrição do mesmo e da sua estrutura, dando maior destaque para a SIC, SIC Notícias e SIC Esperança, já que foram as estações para as quais os trabalhos foram realizados.

1. Grupo IMPRESA

O Grupo IMPRESA (Figura 1) nasceu em 1973, com o jornal Expresso, inicialmente Sojornal, sendo esse o foco até 1992, o ano de criação da SIC, expandindo aí os seus horizontes para a televisão, daí em diante foi criando outros canais, também ligados ao nome SIC, nomeadamente: SIC Internacional; SIC Notícias; SIC Radical; SIC Mulher; SIC K; SIC Caras; Txillo, e ainda mais algumas marcas, ligadas ou ao Expresso, ou à SIC (IMPRESA, 2019a).



Figura 1 - Grupo IMPRESA

Fonte: <https://www.impresa.pt/pt/apresentacao-do-grupo>

As marcas do grupo são bastante conhecidas e têm bastante visibilidade, sendo o jornal Expresso o mais vendido em Portugal e a SIC, bem como os seus canais temáticos,

atingem milhões de telespetadores diariamente. O grupo tem vindo a crescer desde a sua fundação, e principalmente após o ano de criação da SIC. De forma a mostrar esse desenvolvimento realizei uma tabela cronológica resumida do mesmo (Tabela 1), dando um foco especial ao canal que me acolheu (IMPRESA, 2019a).

1973	6 de janeiro	Fundação do jornal Expresso
1992	6 de outubro	Primeira emissão da SIC
1995	Maio	SIC alcança pela primeira vez a liderança nas audiências
1997	17 de setembro	Primeira emissão da SIC Internacional
2001	8 de janeiro	Primeira emissão da SIC Notícias
	23 de abril	Primeira emissão da SIC Radical
	23 de maio	Criação do primeiro site da SIC
2003	8 de março	Primeira emissão da SIC Mulher, no dia internacional da mulher
	6 de outubro	Criação da SIC Esperança
2009		Início da internacionalização dos canais temáticos da SIC
	18 de dezembro	Primeira emissão da SIC K
2011	21 de novembro	A novela da SIC “Laços de Sangue” é premiada com um Emmy Internacional
2013	6 de dezembro	Primeira emissão da SIC Caras
2020	24 de novembro	Lançamento da OPTO, uma plataforma de <i>streaming</i> da SIC
	18 de dezembro	Criação da ADVNCE, focada no <i>Gaming</i> e nos <i>E-Sports</i>

Tabela 1 – Tabela Cronológica do Grupo IMPRESA

Fonte: Própria, com base em dados disponíveis em <https://www.impresa.pt/pt/apresentacao-do-grupo>

1.1. Órgãos Sociais

Os Órgãos sociais são cada uma das entidades responsáveis por um serviço ou função, numa instituição (Priberam, 2022).

No caso do Grupo IMPRESA estes são constituídos pelo conselho de administração, mesa de assembleia geral, comissão de auditoria, comissão de remunerações, comissão do governo societário, comité de estratégia, revisor oficial de contas e secretário da sociedade (IMPRESA, 2019b), tal como apresentado na Figura 2.

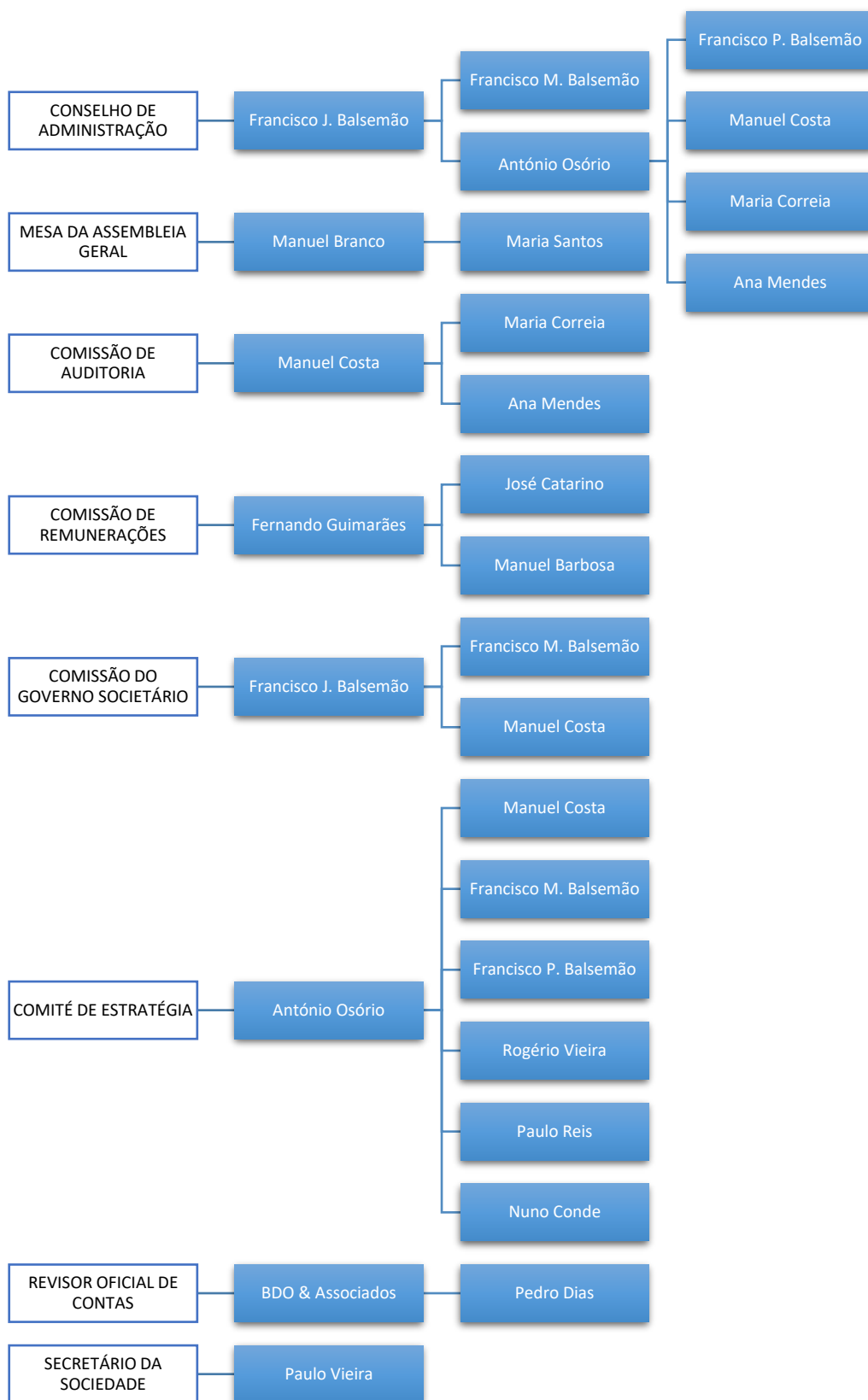


Figura 2 - Órgãos sociais do Grupo IMPRESA

Fonte: Própria, com base em dados disponíveis em <https://www.impresa.pt/pt/investor-relations/orgaos-sociais>

2. SIC

Como já foi dito, a SIC deu início às suas emissões em 1992, no dia 6 de outubro, sendo que logo após três anos conseguiu a sua primeira liderança nas audiências, com uma estratégia de marketing focada numa forte aposta em programas, em português, de informação, entretenimento e ficção. O maior destaque da SIC é a informação, que segue um estilo baseado no rigor, qualidade e irreverência. Além disso, a inovação e mudança a acompanhar o tempo, dá alguma distinção em relação aos canais concorrentes. Estando presente em 12 países, através dos seus canais e no mundo todo, utilizando a OPTO (IMPRESA, 2013a).

O logotipo sofreu várias mudanças (Figura 3), mais concretamente, seis, tendo em conta o projeto inicial, antes do lançamento oficial, sendo esse o mais diferente dos restantes, após o começo do canal o logo sempre teve por base o S ligado ao C, com o i no meio (Logopedia, 2022).



Figura 3 - Evolução do Logotipo da SIC

Fonte: <https://logos.fandom.com/wiki/SIC>

A SIC está organizada em vários setores, desde a Administração, Informação, Entretenimento, *Marketing*, Serviços Digitais e Negócios (IMPRESA, 2013a), tal como apresentado na Figura 4, realizada para demonstrar essa organização de uma forma simples.

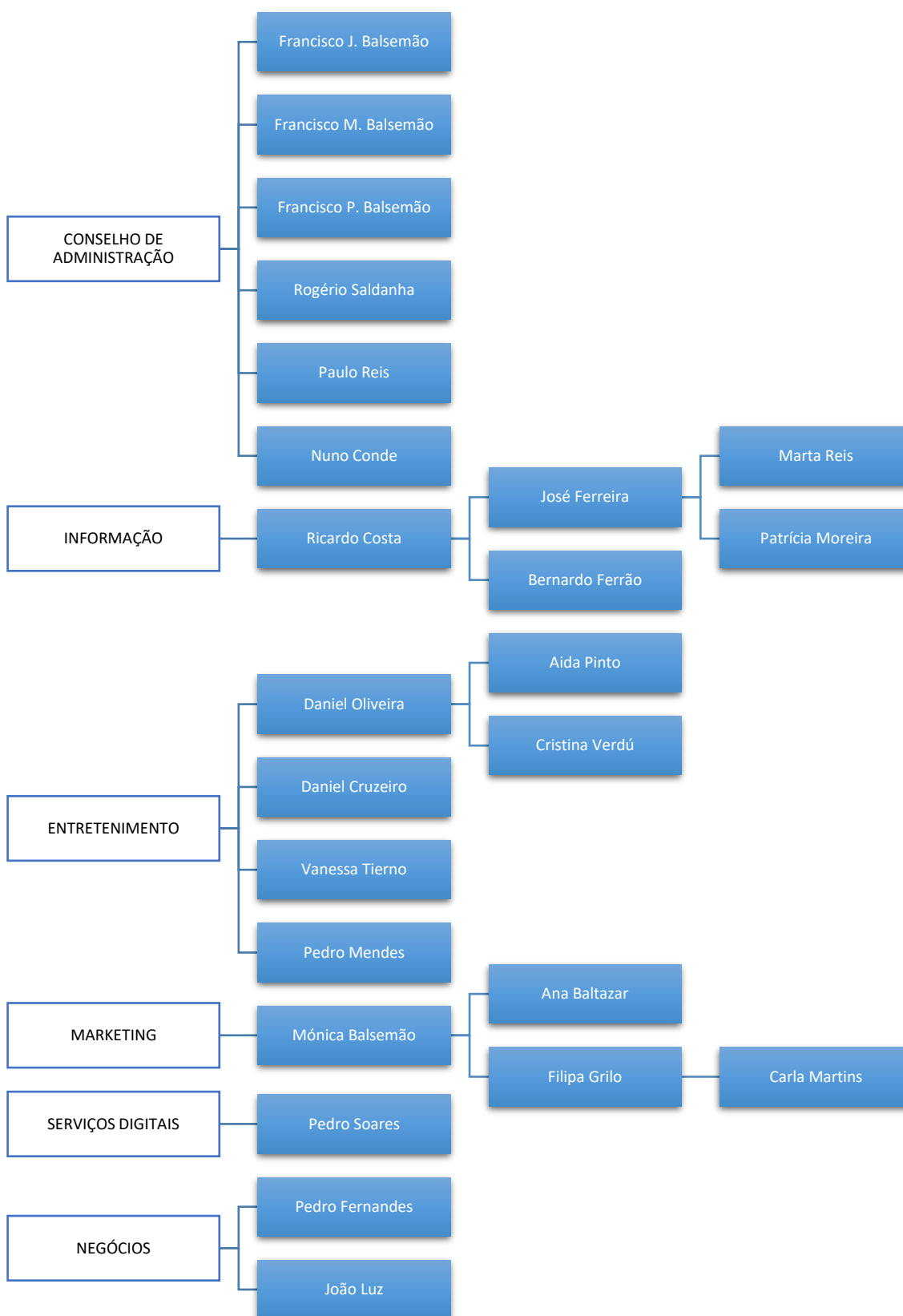


Figura 4 - Órgãos Sociais da SIC

Fonte: Própria, com base em dados disponíveis em <https://www.impresa.pt/pt/apresentacao-do-grupo/as-nossas-marcas/2013-11-07-SIC-54f218c9>

3. SIC Notícias

A SIC Notícias é um canal temático, dedicado exclusivamente à informação, teve o começo das suas emissões a 8 de janeiro de 2001, tornando-se o primeiro canal de informação 24 horas em português. O seu grande objetivo é dar um novo conceito de informar ao país e aos telespetadores mais rigorosos, apresentando-se com grandes blocos de informação diários, moderados pelas caras mais conhecidas da estação. Oferecendo ainda alguns programas dedicados a áreas específicas da informação, nomeadamente economia, saúde, espetáculo, moda e desporto (IMPRESA, 2013b).

4. SIC Esperança

A SIC Esperança foi fundada em 2003, como uma forma de centralizar e expandir a intervenção na área social, uma das principais preocupações do Grupo IMPRESA, desde a sua criação. O seu principal objetivo é sensibilizar a sociedade para os problemas sociais em Portugal e contribuir para a resolução dos mesmos, intervindo em três grandes áreas, a inovação social, a sensibilização e a emergência social. Todos os projetos desenvolvidos vão ao encontro da criação de uma imagem coerente e de confiança. A seleção dos projetos depende de um conjunto de critérios, tais como o impacto para os beneficiários e a sua autossustentabilidade, promovendo a estimulação da sustentabilidade ambiental, cultural, económica e social. Todos os resultados são públicos, como forma de credibilizar a solidariedade, responsabilizar as instituições e espalhar boas práticas, promovendo a solidariedade, a sustentabilidade e a integração dos valores defendidos pelo grupo (IMPRESA, 2016).

Desde a sua criação a SIC Esperança angariou mais de 10 milhões de euros para projetos sociais; desenvolveu parcerias com 401 empresas; trabalhou com 4.549 instituições; apoiou 540 projetos, beneficiando mais de 1 milhão de pessoas (IMPRESA, 2019c).

5. Delegação da Guarda

Uma vez que não existiam informações acerca da delegação da guarda disponíveis no *website* da SIC, obtive algumas informações acerca da mesma, numa entrevista realizada à minha supervisora.

Tendo em conta que a SIC já tinha delegações em todas as capitais de distrito menos na Guarda, era quase obrigatório criar uma nesta zona, para garantir uma maior cobertura informativa da estação.

Abrir uma delegação no distrito já era um projeto antigo, que foi possível concretizar em maio de 2007, numa iniciativa que partiu da SIC, sendo que me foi revelado pela própria Madalena Ferreira, que ainda teve uma certa hesitação em relação à proposta, porque nunca tinha feito televisão, tornando a mesma arriscada para ambas as partes. Apesar disso, acabou por aceitar e a experiência na Rádio mostrou-se importante na sua adaptação. O seu repórter de imagem, Paulo Gabriel, atual, já trabalhava em televisão quando se juntou à equipa, alguns anos mais tarde, pelo que era mais experiente e não tinha qualquer problema em trabalhar no ramo.

A equipa orgulha-se de ter sido reconhecida com diversos prémios, mas destacam os que receberam no ano passado, 2021, atribuídos pela Associação Nacional de Municípios. Que os distinguiu com o primeiro prémio por duas reportagens, Regresso ao Vale do Côa e Parque do Calião sob investigação.

5.1. Comunicação Interna

Segundo Inácio Beirão *et al.*(2008), a comunicação interna desempenha várias funções, tais como “divulgar resultados, transmitir informações e explicar o projeto da empresa ou as novas orientações.” Esta comunicação divide-se em duas outras, a comunicação operacional e a comunicação informativa e motivadora.

A comunicação operacional transmite as informações que são realmente necessárias para que a empresa cumpra as suas funções, “Serve para transmitir instruções referentes à execução do trabalho, ...” (Beirão *et al.*, 2008) já a comunicação informativa e motivadora são as informações que podem ser importantes ou ter interesse para os trabalhadores, ainda seguindo as palavras de Beirão “Este tipo de comunicação trata de divulgar mensagens que motivam os colaboradores e visam a mobilização.”. No caso da delegação em que trabalhei, e aquilo que presenciei, foi principalmente comunicação operacional e não tanto informativa e motivadora, já que eram apenas informações necessárias para realizarmos os trabalhos, estas eram transmitidas através de *e-mail*, intranet e telefone entre a sede em Paço de Arcos e a nossa delegação, já entre os membros da equipa, era apenas cara-a-cara e por telefone.

5.2. Instalações e Recursos

As instalações e os equipamentos disponíveis são um ponto chave para que haja bons resultados nas gravações. As instalações consistem em duas salas, uma com uma mesa, uma

impressora e um computador. A segunda sala, utilizada durante o meu tempo lá, tem duas mesas, uma em que trabalha o repórter de imagem, com um gravador de áudio digital e o computador em que trabalhamos utilizando o software da Edius. A outra mesa, onde trabalha a jornalista, com o seu arquivo e um espaço para o portátil ou cadernos para escrever os textos. Além disso tem uma cabine de som, no canto da sala, ligada ao gravador de áudio.

Os equipamentos para a recolha das imagens são um microfone de lapela, um microfone de mão e a câmara, que tem ainda um led, como acessório, caso não haja luz natural suficiente. Todas as gravações são feitas utilizando cartões de memória e imediatamente após transferir os dados para o disco do computador, estes são limpos para evitar que não haja espaço suficiente para alguma gravação. No caso dos diretos está ainda disponível internet móvel, para tentar garantir que a transmissão das imagens não falhe. Já que apenas existe um equipamento de cada, no caso de algum deles falhar a equipa fica sem conseguir realizar os trabalhos. Algo que aconteceu durante o estágio, por duas semanas, uma em que a câmara tinha um problema na lente e teve que ser levada à sede para resolver esse problema e outra em que o computador esteve a formatar. Inclusivamente a versão do software da Edius mudou, da versão 10 para a versão 6.5, quando o computador regressou.

5.3. Análise SWOT

A análise SWOT é uma forma de análise das instituições, ou uma forma de simplificar, reunindo os pontos fortes (S), fracos (W), bem como futuras oportunidades (O) ou ameaças (T). Numa análise deste tipo “Encontramos os nossos pontos fortes e fracos, para nos conhecermos e sabermos quais são os pontos vitais e onde nos encontramos” (Hofrichter, 2017).

Seguindo o modelo original, há quatro divisões base, pontos positivos, negativos, internos e externos, os pontos fortes e fracos estão ligados aos internos, enquanto as oportunidades e as ameaças se conectam aos pontos externos, este modelo está apresentado na Tabela 2, a seguir.

	Positivo	Negativo
Interno	Ponto forte (S)	Ponto fraco (W)
Externo	Oportunidades (O)	Ameaças (T)

Tabela 2 - Modelo de Análise SWOT

Fonte: Própria, com base em dados do livro *Análise SWOT: quando usar e como fazer* (Hofrichter, 2017)

Tendo em conta a minha experiência, penso que os pontos fracos da delegação são as suas instalações, que poderiam ser melhores, bem como a quantidade de equipamentos, caso algum dos mesmos cause problemas, não existe alternativa, razão pela qual estivemos parados durante cerca de duas semanas durante o estágio, por exemplo. Esses pontos fracos acabam por ser compensados pela experiência e boa relação da equipa, que desde o início nunca foi alterada e consegue agilizar bastante os processos e fazer um bom trabalho com o que têm disponível.

A falta de interesse por notícias da Guarda a nível nacional, pode ser um problema e impedir um pouco o trabalho por cá, porém, isso pode ser combatido, já que é bastante fácil chegar aos locais e utilizando os vários contactos que a equipa foi conseguindo, podem com facilidade ter conhecimento de notícias em primeira mão, deslocar-se ao local e obter tudo aquilo de que precisam para entregar material ao canal, em poucas horas. Esta análise está representada na Tabela 3, de uma forma mais simples e direta.

	Positivo	Negativo
Interno	Experiência dos membros da equipa; Boa relação entre colegas.	Poucos equipamentos e recursos; Fracas instalações.
Externo	Vasta lista de contactos; Facilidade de acesso aos locais.	Falta de interesse por notícias da zona, a nível nacional.

Tabela 3 - Análise SWOT à delegação da Guarda da SIC

Fonte: Própria

Capítulo II: Estágio

O plano inicial para o estágio, tal como expresso no documento no Anexo 1, era, numa fase inicial, acompanhar a equipa e aprender na prática aquilo que se faz nesta área, tanto pelo lado do jornalismo, como pelo lado de repórter de imagem e, como conclusão do estágio, ser eu próprio a fazer uma reportagem para demonstrar essas aprendizagens.

No entanto, devido a falta de tempo, não foi possível realizar essa reportagem, uma vez que tivemos alguns percalços pelo caminho, nomeadamente, semanas em que o equipamento não estava disponível e uma semana em que a minha supervisora teve de se deslocar a Lisboa para editar a reportagem especial em que estávamos a trabalhar naquele momento. Tendo isso em conta, foi-me sugerido que em vez disso, realizasse um vídeo com a compilação de imagens que fui tirando durante as reportagens, para complementar o relatório e ter registo fotográfico daquilo que fazia, sendo que a partir do momento em que recebi essa sugestão, comecei a gravar alguns vídeos, curtos, para acrescentar a essa compilação.

Sendo as atividades desenvolvidas neste ramo bastante repetitivas, decidi que a melhor forma de abordar este capítulo seria falar dos diferentes tipos de trabalhos que foram realizados, descrever uma reportagem, um direto, a reportagem especial e o trabalho para a Janela de Esperança.

1. Jornalismo Televisivo

Apesar do crescimento da era digital, as notícias divulgadas pela televisão continuam a ser uma das principais formas de receber informação, além de serem aquelas em que as pessoas mais confiam e dão mais valor, tal como referido por Stephen Cushion (2012). É pela televisão que as pessoas se situam no mundo, “Já que é na televisão que a maioria das pessoas vão tentar entender o que se passa no mundo, ... constitui, como outros media, um espaço que é identificado como a esfera pública” (Cushion, 2012). Tendo isso em conta, é muito importante tentar divulgar informações que interessam à sociedade em geral e não só aquelas que dão mais audiências.

Dada a importância que tem para a sociedade em geral, as notícias transmitidas em televisão devem realmente seguir certas regras, ou elementos do jornalismo, para se manterem o mais fiáveis possível. Bill Kovak e Tom Rosenstiel (2001) definem os 11 elementos do jornalismo, que qualquer jornalista deve seguir, para cumprirem corretamente a sua função, sendo esses:

1. O primeiro propósito do jornalismo é dar aos cidadãos a informação que precisam para serem livres e autônomos;

Como as notícias são uma das principais formas de obter informações, acabam por moldar a sociedade e “ajudam-nos a definir as nossas comunidades. (...) ajudam a criar uma linguagem e conhecimento comum, baseado na realidade. (...) identificar os objetivos, heróis e vilões de uma comunidade.” (Kovak & Rosenstiel, 2001, p. sp).

2. A sua primeira obrigação é para com a verdade;

Neste caso, é unânime, todos acreditam que as notícias têm de ser verdadeiras, tendo por isso todo o sentido ser o principal elemento do jornalismo, já que “Notícias são o material que as pessoas usam para aprender e pensar no mundo além delas próprias, a qualidade mais importante que pode ter é ter uso e ser de confiança.” (Kovak & Rosenstiel, 2001, p.sp).

3. A sua primeira lealdade é para com os cidadãos;

Esta lealdade baseia-se na honestidade, como Kovak e Rosenstiel (2001, p. sp) referem “É a aliança implícita entre alguém que produz uma obra de jornalismo e o público que o consome que o trabalho é honesto.”.

4. A sua essência é a disciplina de verificação;

A verificação é o que diferencia o jornalismo de entretenimento, propaganda, ficção ou arte. “Entretenimento (...) foca no que chama mais à atenção. Propaganda seleciona factos ou inventa-os para servir o seu real propósito: persuadir e manipular. Ficção inventa cenários para ter uma impressão mais pessoal daqui que chama verdadeiro. Só o jornalismo foca no processo de descrever o que aconteceu corretamente.” (Kovak & Rosenstiel, 2001, p. sp).

5. Os jornalistas têm de manter independência daqueles que cobrem;

Um jornalista tem de ser independente de quem cobre, seguir os seus próprios pensamentos, sem se guiar por mais ninguém a não serem eles próprios e os factos, não têm de ser sempre neutros “(...) É nesta independência de espírito e mente, independência intelectual em vez de neutralidade, que os jornalistas devem manter o foco”. (Kovak & Rosenstiel, 2001, p. sp).

6. Tem de servir como uma fonte de poder independente;

Este é um princípio um pouco mais difícil de entender, que mesmo alguns jornalistas acabam por não entender, não se resume a vigiar o governo, mas todas as instituições

de poder, como os autores, Kovak e Rosenstiel (2001, p. sp), referem “O princípio da vigilância está a ser ameaçado no jornalismo contemporâneo pelo uso excessivo e pela falsa vigilância, como forma de agradar ao público do que a fazer serviço público. (...) O princípio da vigilância significa mais do que simplesmente monitorizar o governo; estende-se a todas as instituições poderosas da sociedade.”

7. Tem de fornecer um fórum para crítica pública e compromisso;

Este talvez seja o elemento que menos se relaciona com a televisão, mas com as redes sociais e o avançar da tecnologia. As notícias são muito mais completas e podem ser obtidas com mais rapidez, podendo até ser reutilizadas entre diferentes jornalistas, este fórum é “tão difundido que informa quase todos os aspetos de recolha e relatos de notícias. (...) Espera-se que os repórteres e editores mantenham o Twitter aberto enquanto trabalham para poderem vigiar o que os outros estão a divulgar no tema que cada um deles está a cobrir e para saberem o que as pessoas estão a dizer sobre ele.” (Kovak & Rosenstiel, 2001, p. sp).

8. Tem de lutar para tornar o significativo interessante e relevante;

Por vezes fica a dúvida se as notícias devem ser interessantes ou relevantes, é dever dos jornalistas manterem um equilíbrio entre as duas. Acaba por ser uma comparação entre contar uma história ou informar, porém... estes não são contraditórios, pelo contrário “Eles são melhor compreendidos como pontos em comum num contínuo de comunicação. (...) Entendido desta forma o melhor trabalho (...) leva a história mais para o meio desse contínuo do que o público esperaria. Consegue-se (...) uma forma que ajuda os leitores a entender o que está a acontecer no mundo.” (Kovak & Rosenstiel, 2001, p. sp).

9. Tem de apresentar as notícias de forma a que sejam compreensíveis e proporcionais;

Jornalismo acaba por ser um “mapa” para os cidadãos, que os ajuda a navegar pelo mundo, “Tal como qualquer mapa, o valor do jornalismo depende da sua completude e proporcionalidade. Jornalistas que dedicam mais tempo e espaço a um julgamento sensacional ou a um escândalo de uma celebridade do que sabem que merece. (...) Pode fazer sentido econômico a curto prazo, mas engana (...) e acaba por destruir a credibilidade (...)” (Kovak & Rosenstiel, 2001, p. sp).

10. Os jornalistas têm a obrigação de praticar a sua consciência pessoal;

Os jornalistas devem ter um ambiente em que possam falar o que pensam e expressar aquilo que sentem e nunca devem ir contra os seus princípios tal como referem Kovak e Rosenstiel (2001, p. sp) “Os jornalistas têm a responsabilidade de expressar as suas consciências e permitir aos outros que façam o mesmo. (...) Precisamos que os nossos jornalistas se sintam livres, até mesmo encorajado, para falar e dizer: “Esta história parece-me racista” ou “estás a tomar a decisão errada” (...)”.

11. Os cidadãos também têm direitos e responsabilidades quando se pensa em notícias, ainda mais quando eles próprios se tornam produtores e editores.

Tal como os cidadãos têm o direito de esperar que os jornalistas sigam os elementos anteriores, naturalmente, acabam por ter responsabilidades, ligadas a esses direitos, mais concretamente, “O cidadão tem a obrigação de abordar as notícias com uma mente aberta e não apenas desejo que a notícia reforce a opinião existente. (...) Denunciar um jornalista ou organização que pressione um governo de uma forma que seja favorável aos seus próprios negócios. (...) estar dispostos a aceitar novos factos e examinar novos pontos de vista à medida que são apresentados. (...) de comparecer a esses fóruns públicos e comportar-se de maneira que estimule o respeito e a civilidade (...) de focar no que importa, (...)”. (Kovak & Rosenstiel, 2001, p. sp).

Seguindo todos estes elementos, que os cidadãos têm o direito de esperar que um jornalista siga, tal como referido por Kovak e Rosenstiel (2001, p. sp) “Apesar de todas as mudanças, permanecem princípios claros que exigimos do nosso jornalismo, princípios que os cidadãos têm o direito de esperar.” este estará a cumprir o seu trabalho de uma forma correta e, por sua vez, a fornecer aos cidadãos a informação que eles realmente necessitam.

No que toca ao jornalismo televisivo um dos primeiros detalhes que realmente faz a diferença é o facto de estudar muito bem os temas ou as notícias que se estão a abordar numa reportagem, para não bloquear enquanto se está a falar para a câmara, principalmente em diretos. Mesmo quando não é algo que se domina, é importante saber onde procurar as informações e ter os contactos certos, caso seja necessário, “O jornalista não domina todos os assuntos que reporta, mas sabe quem pode dar as informações. Não deve vacilar em ligar para um especialista e pedir que o ajude a compreender o assunto” (Barbeiro, 2002, p. sp). Desde o primeiro dia que isso me foi induzido, bem como tirar sempre notas daquilo que é importante para a reportagem e não fica gravado por algum motivo.

Algo também bastante importante é preparar as perguntas que se vão fazer a quem está presente no local, de forma a estar preparado no momento, tentar fazer perguntas diretas que possam ser respondidas de forma curta é fulcral, porque facilita a utilização das mesmas na reportagem final, “Respostas curtas facilitam o trabalho da edição de reportagens” (Barbeiro, 2002, p. sp). Em certos dias, também me foi pedido que sugerisse perguntas a fazer aos entrevistados.

Quanto às voz-off o detalhe mais importante é que sejam concisas, simples, claras e diretas. As imagens devem sempre complementar a voz e vice-versa, tal como fundamenta Barbeiro (2002, p. sp) “O repórter deve desenvolver a compreensão da imagem. A regra é: imagem e palavras andam juntas.”.

Um outro detalhe que reparei que é bastante importante, é o sentido de oportunidade e persuasão, ou seja, se surgir a hipótese de, por exemplo, acrescentar o depoimento de alguém que não estava planeado, é importante aproveitar esse momento para enriquecer a notícia, sabendo que algumas dessas pessoas não estarão desde logo dispostas a apresentar o seu testemunho, é também importante saber como as convencer a responder às perguntas, foi algo que acabou por ser feito pela equipa variadas vezes e que acabou por ser importante para dar um toque especial às reportagens.

2. Edição de vídeo

O jornalismo televisivo é audiovisual, as imagens que estão a ser transmitidas pelo vídeo são tão relevantes como a informação que está a ser transmitida por voz ou por texto, pelo que a edição de vídeo é uma parte muito importante do processo. A edição de vídeo acaba por não ter uma definição única, porém Peter Ward (2000), citado por Carlos Canelas (2010) define-a como um processo que consiste em selecionar e coordenar um plano com o seguinte, de forma a criar uma sequência de planos para formar uma narrativa lógica e coerente.

Os sistemas de edição de vídeo podem ser lineares ou não-lineares, segundo Herbert Zettl (2014), citado por Carlos Canelas (2010) a “antiga edição linear requeria que se passasse por todos os planos da gravação original até chegar ao plano que era desejado.” já na edição não-linear, ainda segundo o mesmo autor (Zettl, 2014), citado por Carlos Canelas (2010) “A grande vantagem é que permite que se teste, compare e se mantenham tantas versões diferentes de edição quanto se desejam.”. Ou seja, a principal diferença entre os dois sistemas de edição é que, enquanto a edição linear nos limita, já que só podemos ter um resultado e para selecionar um plano em específico era necessário passar por toda a gravação

até àquele ponto. Na edição não-linear, temos mais liberdade, podemos ter tantos resultados como pretendemos sem estar a comprometer nenhum dos outros e podemos seleccionar planos de qualquer altura da gravação, já que estes surgem em separado. Como já foi dito o sistema linear já é antigo e atualmente entrou um pouco em desuso, durante o estágio foi utilizado o *software* da Edius, que usa sistema não-linear.

Algo que acho importante referir, é a escala de planos, já que de uma forma ou de outra acaba por ser usada em todo o tipo de vídeos. A escala de planos é “a unidade de medida que diferencia os vários tipos de planos” (Ventura, 2017).

Utilizando uma pessoa como referência podemos dividir os planos em três diferentes grupos, os planos de ambiente, de ação e de expressão, estes definem-se, respetivamente como aqueles que “nos mostra o ambiente que o envolve; nos permite observar a ação que a pessoa está a executar e nos permite analisar a sua expressão” (Ventura, 2017).

Os planos de ambiente são definidos como Plano Muito Geral (PMG) e Plano Geral (PG), ainda segundo a mesma autora (Ventura, 2017) o PMG “é um plano bastante geral que contém o ambiente em que a pessoa se insere” enquanto que no PG “O ambiente prevalece (...) no entanto (...) a figura humana já se consegue observar com mais nitidez.”

Existem três planos de ação, o Plano Geral Médio (PGM), o Plano Americano (PA) e o Plano Médio (PM). Neste respeito, Ana Ventura (2017) define o PGM como “um plano de equilíbrio entre o retrato do ambiente que envolve a pessoa que está em cena com a ação executada por ela própria” sendo um plano em que “já é mais visível a figura humana, que aparece num ponto central da imagem”. Quanto ao PA, este “corta os intervenientes da cena, (...) à altura dos joelhos” sendo que “o ambiente continua a estar presente, no entanto, o conteúdo principal do plano e das filmagens são os intervenientes da cena”. Por último, o PM “é cortado pela cintura e considera-se um plano intermédio entre o plano de ação e o plano de expressão”.

Os planos de expressão são quatro, o Plano Próximo (PP), o Grande Plano (GP), o Muito Grande Plano (MGP) e o Plano de Detalhe (PD) cada um mostra a expressão em mais detalhe. Segundo a autora (Ventura, 2017) o PP “elimina o ambiente envolvente e revela ou salienta intenções da personagem” e “é cortado entre os ombros e a cintura ou um pouco abaixo das axilas da personagem”. Já o GP “É a expressão na sua máxima importância. Este plano é cortado pela parte superior dos ombros, (...) As mudanças de expressão facial, (...) são vistas facilmente através deste plano. O MGP é ainda mais próximo, “cortado pelo queixo e pela testa e permite que seja aumentada a carga emocional da imagem para o

espectador.”. O PD é um plano muito mais aproximado, que como o nome indica, serve para mostrar detalhes “destina-se à filmagem de apenas uma parte do corpo, (...) a personagem pode ser filmada a chorar, por exemplo, com maior detalhe”.

De forma a perceber um pouco melhor a escala de planos existem figuras que demonstram cada um dos planos numa figura humana, apresento em seguida, Figura 5, uma escala dos planos de ação e de expressão.

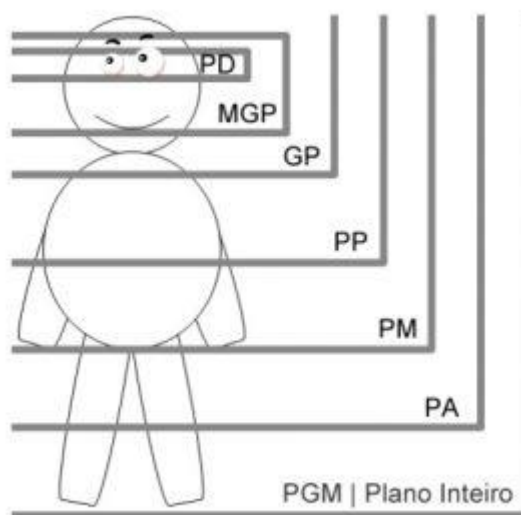


Figura 5- Escala de planos

Fonte: <https://knoow.net/ciencsocioishuman/jornalismo/escala-planos-televisivos/>

A criação de um vídeo tem três etapas, pré-produção, produção e pós-produção, fases essas que seguimos em todas as reportagens, exceto nos diretos, em que não podíamos fazer pós-produção já que as imagens eram transmitidas diretamente para a emissora.

A primeira etapa de qualquer projeto de vídeo é a pré-produção, esta é uma fase que “engloba tudo que é necessário para estabelecer as bases para o projeto inteiro, (...) o objetivo é solucionar o máximo possível de falhas antes do início da produção, para que o restante do projeto seja executado sem percalços” (Hara & Kurniawan, 2022). Nesta etapa, há certas questões como financiamento, contratar membros para a equipa, criar um guião ou até mesmo definir um plano de marketing, que no caso do estágio não fizeram parte, já que o objetivo era apenas criar reportagens e informar os cidadãos através das mesmas.

Aquilo que é importante para as reportagens e que também é identificado pelos autores do artigo como parte da pré-produção é criar um *storyboard*, uma lista de planos e um cronograma, de forma a poder segui-los e não perder nenhum detalhe importante, tal como

refere Hiroshi Hara (2022) “O cronograma mudará durante o projeto, mas espera-se que se possa solucionar todos os possíveis problemas na pré-produção para que, durante a produção, o foco esteja apenas no desempenho e na captura da melhor imagem possível”.

A fase da produção, é aquela em que os planos que foram realizados na pré-produção são cumpridos, é nesta etapa que se realizam as gravações, consoante o tipo de vídeo, esta fase pode demorar meses ou dias, “Para um filme de longa-metragem, a produção pode levar de um a três meses, enquanto um vídeo promocional curto ou um vídeo explicativo pode ser concluído em apenas um ou dois dias.” (Hara & Kurniawan, 2022). No caso do estágio, as reportagens “normais” levaram um ou dois dias, enquanto a reportagem especial levou algumas semanas. Tendo em conta que não estamos a trabalhar com atores, as gravações são feitas de uma forma diferente, adaptadas de forma a tornar o trabalho deles mais simples, segundo Margaret Kurniawan (2022) é importante que se “explique de forma clara quando e onde ele precisa estar, juntamente com quaisquer outras solicitações.”, acrescentando ainda “Se estiver a filmar com não atores, use o tempo deles da melhor maneira possível. Prepare a iluminação, o som e a câmara usando *stand-ins*” (Kurniawan, 2022) neste caso, eu era utilizado como *stand-in* por vezes, ou a própria jornalista, de forma a preparar tudo antes da chegada dos entrevistados.

A última etapa da produção de um vídeo é a pós-produção, depois de todas as gravações feitas, faz-se a edição, segundo os autores do artigo Hiroshi Hara e Margaret Kurniawan (2022), tal como a produção, “A edição deve seguir um cronograma rígido” acrescentam ainda que, geralmente “Esta etapa de produção tem a própria equipa de especialistas que trabalham para organizar, compilar, sequenciar e transformar gravações brutas em vídeos de alta qualidade.” Além disso existiriam coloristas e engenheiros de som, “Os coloristas fazem correção e classificação de cores, enquanto os engenheiros de som mixam gravações de áudio”. Neste caso tudo isto é feito pelo repórter, sendo que enquanto estive a estagiar acompanhava e apoiava esse processo.

3. Participação em Reportagens

A minha participação nas reportagens é bastante repetitiva, então vou descrever aquilo que foi realizado numa delas, já que em todas as outras é bastante semelhante. Para relatar os processos utilizados para estas, irei falar sobre e uma reportagem realizada acerca de um julgamento de vários autarcas, no tribunal da Guarda, relacionado a corrupção na câmara municipal de Gouveia. Fotografias de bastidores desta reportagem e de outras estão

disponíveis nos apêndices II, esta e I, V, VII e do IX ao XI as restantes reportagens realizadas durante o estágio, sendo que houve ainda uma em que não foi possível captar qualquer imagem, porque foi na prisão e não podia ter o telemóvel comigo.

Na parte da manhã, todos nós chegámos antes da hora em que o julgamento iria começar, de forma a conseguir posicionar o tripé e a câmara. Enquanto eu e o repórter de imagem ficámos em frente à entrada do tribunal, atentos para ver quem chegava, de forma a conseguir gravar a chegada dos arguidos, juntamente com os seus advogados, a jornalista estava na sala do tribunal, a recolher informações. A meio da manhã, recebemos uma solicitação da sede, para realizar um direto, transmitido na SIC Notícias, enquanto esperávamos pelo sinal de que as imagens estavam a ser transmitidas para a televisão, realizámos testes de som e testámos diferentes enquadramentos, de forma a garantir a melhor qualidade possível para o direto.

Após o direto, dirigimo-nos à delegação, para editar as imagens que tínhamos, enquanto a jornalista preparava o texto para a voz-off, eu acompanhei o repórter de imagem na seleção das imagens para a reportagem final. Após a realização das voz-off, estas foram divididas em vários áudios diferente, então, começámos a montar a reportagem em si, sempre fazendo com que as imagens complementassem aquilo que estava a ser dito.

Na parte da tarde, acompanhei a jornalista e assistimos à sessão da tarde do julgamento nesse dia, durante esta sessão, tomámos nota de todas as informações que poderiam ser importantes, já que, dentro do tribunal não se pode utilizar câmaras de qualquer tipo, no fim da sessão, saímos rapidamente e reunimos com o repórter, preparámos a câmara, no tripé para gravar a saída dos réus, sendo que, a jornalista tentou captar a atenção de todos eles, de forma a conseguir algumas declarações dos mesmos, na maioria dos casos, foram tentativas em vão, já que apenas um dos acusados decidiu falar.

Por fim, voltámos à delegação para editar as novas imagens. Mais uma vez, começámos por gravar novas voz-off com as informações retiradas na parte da tarde e só depois a editar e atualizar a reportagem que tinha sido feita anteriormente, acrescentando imagens ao áudio, tal como Barbeiro (2002, p. sp) refere, uma “Voz-off longa seguida de uma entrevista curta ou uma voz-off curta seguida de um entrevista longa quebra o ritmo da reportagem”, seguir este processo é bastante importante, já que torna mais fácil criar esse equilíbrio, entre as voz-off e os depoimentos recolhidos.

4. Participação em Diretos

Além do direto solicitado durante a produção da reportagem, foram executados dois diretos, que não tinham nenhuma ligação com outras reportagens, o primeiro, numa comissão do CHEGA (Apêndice IV), que aconteceu no Teatro Municipal da Guarda (TMG) e o outro como parte dos segmentos acerca da guerra na Ucrânia (Apêndice VIII), já que um dos intervenientes, José Milhazes, se encontrava na Guarda, é justamente desse direto que irei falar.

Sendo um direto planeado e em que apenas estaria uma pessoa a falar diretamente para a câmara, a fase mais importante deste direto foi a pré-produção, começámos por decidir o local, neste caso, o Hotel Lusitânia, reunimos com os responsáveis do mesmo, de forma a encontrar um local em que não se ouvisse barulho exterior, uma vez que iria decorrer um evento no hotel no mesmo dia. Depois de testarmos várias salas diferentes, acabámos por encontrar aquela que tinha as melhores condições, aí, testámos diferentes posições para a mesa em que José Milhazes iria falar e solicitámos aos responsáveis que alterassem um pouco a disposição da sala.

Mais tarde, depois das alterações feitas, como é importante “estudar os melhores ângulos e planos antes de fazer as gravações, certificando-se de que tudo está a ser gravado com qualidade” (Barbeiro, 2002, p. sp), começámos a realizar testes, primeiro, o enquadramento da imagem, neste caso, seria utilizado um Plano Próximo, para isso eu fui utilizado como *stand-in* e em conjunto com o repórter de imagem, encontrámos o melhor enquadramento. Em seguida, começámos a realizar testes com a sede, para verificar se tanto as imagens como o som estavam a ser transmitidas de forma correta. Depois de tudo preparado e da chegada do jornalista que ia falar a partir do local, José Milhazes, apenas esperámos pelo sinal da sede, de que este iria entrar, durante o direto estava um pouco afastado, para evitar fazer algum ruído acidental que pudesse causar algum distúrbio, mas não pude deixar de reparar que o repórter, realizou algumas alterações na saída de som, durante o direto, para ajustar à voz do jornalista e evitar que fosse incomodativo para os telespectadores.

5. Participação na reportagem para a Janela de Esperança

Durante o estágio a equipa fez uma reportagem para a Janela de Esperança, um segmento em parceria com a SIC Esperança, esta reportagem (Apêndice VI) teve como foco apresentar o Museu inclusivo da Covilhã, que está adaptado para pessoas com incapacidades visuais, auditivas e com mobilidade reduzida.

A principal diferença entre esta reportagem e as outras é que nesta, foi mostrada a experiência de uma pessoa que perdeu a visão recentemente e teve ainda mais foco no som ambiente, que, tal como referido por Barbeiro (2002, p. sp) “quando relacionados ao facto, ajudam a enriquecer a reportagem”, uma vez que era indispensável, por exemplo, ter o som da bengala a bater nas marcações do chão, que guiam os cegos pelo museu, tal como mostra a Figura 6.

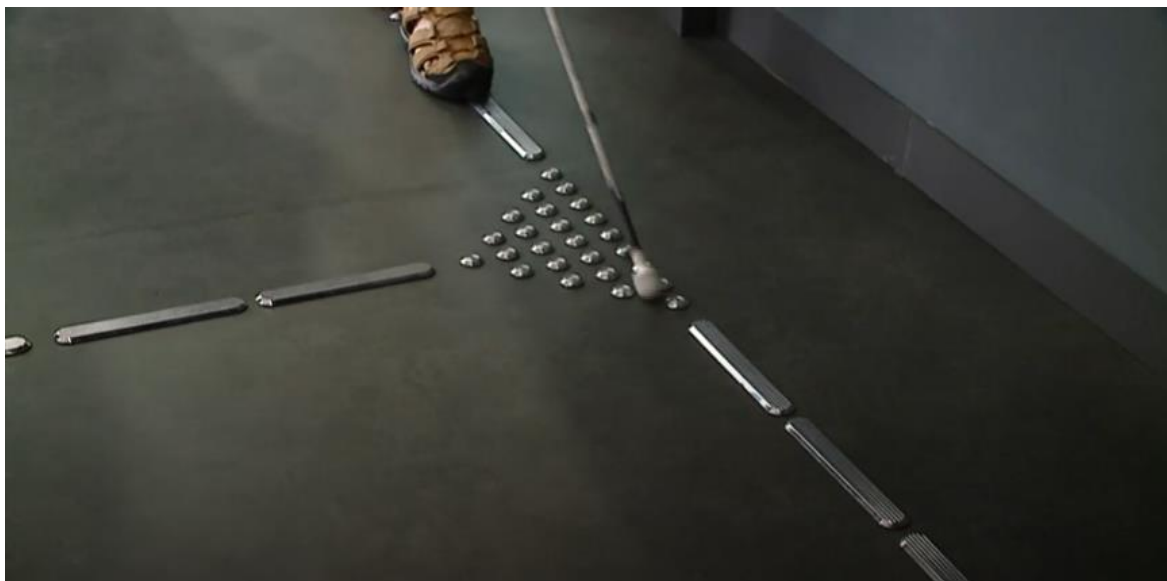


Figura 6 - Guias para invisuais no museu

Fonte: <https://sicnoticias.pt/janela-de-esperanca/2022-06-20-Espaco-cultural-para-todos-Museu-inclusivo-conta-historia-da-Covilha-d52e4ae3>

Antes de gravar as imagens da visita, visitámos nós próprios o museu, além de falar com a coordenadora do museu e realizar uma pequena entrevista para falar sobre o mesmo, dessa forma sabíamos o que esperar durante as gravações e conhecíamos melhor o local. Nesse dia, como o som ambiente ia ter bastante foco e os espaços eram relativamente apertados, não pude tirar tantas fotos de bastidores como seria desejável.

Depois de colocar o tripé na altura adequada e encontrar a melhor posição para colocar a câmara, nos diferentes locais em que iríamos precisar de gravar, bem como colocar o microfone de lapela no visitante, começámos as gravações da visita. Neste caso, certas sequências foram repetidas várias vezes, até saírem como pretendíamos e foram dadas mais indicações do que normalmente se dariam. Além disso foram usados vários Planos de Detalhe, ao contrário das outras reportagens em que este tipo de plano não era utilizado, para mostrar como tudo funciona, as guias no chão; o braile nas paredes, com os textos que estão

escritos a descrever as peças; as imagens com relevo que permitem que sejam entendidas através do tato e ainda uma aplicação que o museu disponibiliza, com linguagem gestual e voz que apoia na compreensão do que é apresentado.

Depois de gravar a visita, foi realizada uma entrevista ao visitante, em que fala acerca da importância do museu e na sua experiência, no final, foi realizada uma entrevista a uma vereadora da câmara municipal da Covilhã que também falou um pouco do museu e daquilo que este representa para a cidade.

A edição da reportagem seguiu normalmente, começámos pela voz-off e a seleção das imagens e das entrevistas, utilizando o vídeo como forma de complementar aquilo que estava a ser transmitido pela jornalista ou pelos entrevistados. A principal diferença, foi que o som dos planos em que se mostravam detalhes das alterações que o museu tem para ser acessível, foi aumentado bastante, quase para o dobro, de forma a serem claramente audíveis, além disso houve uma atenção redobrada para manter *raccord* entre os planos.

6. Participação na Reportagem Especial

O trabalho mais longo do estágio foi a reportagem especial (Apêndice III), as gravações desta duraram mais de um mês, desde dia 12 de maio até dia 16 de junho, além de algumas imagens reutilizadas, foi intitulada de “Uma estrela nunca morre”, fala sobre o que aconteceu na zona em redor da Serra da Estrela, após o fecho da maioria das fábricas de lanifícios que davam sustento à maioria das famílias.

A principal diferença é que esta exigiu muito mais investigação para encontrar tudo o que envolve o tema. Enquanto que nas outras íamos sempre diretos ao local, nesta andámos muitas vezes praticamente sem rumo, a procurar novas informações ou novas pessoas que pudessem acrescentar algo novo sobre o tema. Além disso, tal como refere Barbeiro (2002) “é importante fazer algumas cenas livres. Elas são úteis na edição.”(p, sp), sendo uma reportagem de quase meia hora, em vez de dois a três minutos isso torna-se ainda mais importante, por isso gravámos muito mais cenas em que ninguém estava a ser entrevistado porque poderia ser necessário para a complementar.

A reportagem englobou várias áreas diferentes, as gravações começaram por um tecelão que trabalhava nas fábricas e que depois de estas serem abandonadas decidiu continuar a fazer o seu trabalho por conta própria, recentemente, tinha assumido uma aprendiz, que estava a ensinar a tecer e que já tem algumas obras da sua autoria e está inclusive a querer revolucionar um pouco utilizando lã de outras cores além da lã branca. Ainda nesse mesmo

dia, encontramos um antigo trabalhador de uma das fábricas, que conseguiu acesso à mesma e, apesar de muito esforço e de lhe custar bastante voltar lá, nos mostrou a fábrica e deu uma entrevista acerca dos anos em que trabalhou lá.

Na mesma altura das gravações, fizemos outra reportagem, sobre alfaiates e cobertores de papa, essas imagens acabaram por depois ser reutilizadas na reportagem especial, porque se enquadrava no tema, já que utiliza lã própria da zona. Sendo que também captámos imagens de um pastor das ovelhas que dão essa mesma lã, a única que serve para cobertores de papa genuínos, ovelhas borladeiras Serra da Estrela, que apenas existe nesta região.

Um hotel em Manteigas, chamado “Hotel da Fábrica”, foi implementado na zona das fábricas Ecolã, além de fornecer a estadia como qualquer outro, é decorado com arte feita em burel, os porta-chaves e todas as indicações, como o número dos quartos, a indicação dos elevadores, escadas ou casas de banho são feitos com burel e ainda fornecem uma visita guiada pelas instalações da fábrica, em que o hóspede pode ficar a conhecer a história da lã e da tecelagem.

Ainda foram feitas gravações na Universidade da Beira Interior (UBI), já que esta utiliza instalações de uma das antigas fábricas para algumas das suas aulas e algumas das fábricas na zona também estão a ser reconstruídas para servirem de alojamento para os estudantes. Neste último caso foi algo descoberto completamente ao acaso, a pessoa responsável por essas remodelações viu o nosso carro e teve curiosidade, veio falar connosco e quando explicámos no que estávamos a trabalhar contou-nos a história e disponibilizou-se a mostrar-nos as habitações que estão a ser construídas e a ser entrevistado para a reportagem.

As últimas gravações feitas foram relacionadas com o grupo “O Valor do Tempo” que compra grande parte da lã das ovelhas de raça bordaleira para fazer almofadas, 100% feitas com essa mesma lã. Estas têm um ano entre 1922 até 2022, bordado na frente e a sua fronha interior tem o número de série equivalente à ovelha que forneceu aquela lã, cada almofada é feita com a lã de uma ovelha, o que lhe dá um toque especial.

Depois de todas as gravações feitas, reunimos todos os vídeos e guardámos num disco externo, para ser levado para Lisboa, onde toda pós-produção foi toda feita, juntando algumas das imagens novas e outras que já estavam disponíveis em arquivo, pelo que nesse caso não pude acompanhar o processo, apesar de ter acompanhado toda a pré-produção e produção.

Reflexão Final

Começando pelo curso, apesar de parte das aulas terem sido *online* e a experiência dos primeiros anos não ter sido aquela que provavelmente seria caso não tivesse existido a pandemia e a impossibilidade de fazer todas as unidades curriculares em ensino presencial. O curso conseguiu ir ao encontro das minhas expectativas e, para ser sincero, o modelo de aulas digitais, pessoalmente, até acabou por ser mais beneficiador, já que, num ambiente mais calmo e familiar, consigo focar-me e ouvir os professores com mais atenção, caso existisse a opção de realizar o curso dessa forma, poderia chamar mais alunos, que sintam o mesmo, porém, mesmo as aulas presenciais foram sempre positivas e fiquei bastante satisfeito com a grande maioria das unidades curriculares e docentes. Tendo em conta o local em que acabei por estagiar as unidades curriculares mais úteis foram Jornalismo Digital, Comunicação Vídeo e Pós-produção Vídeo e Áudio, já que existe uma cadeira de Jornalismo Digital, poderia haver uma de Jornalismo, aprofundando os diferentes tipos e não só o digital.

Em relação ao estágio, apesar de não ter existido a possibilidade de seguir o plano de estágio à risca, também fiquei bastante satisfeito, aprendi bastante sobre a área e fui muito bem recebido tanto pela minha supervisora como pelo repórter de imagem. Sempre me apoiaram em tudo o que precisei e fizeram todos os possíveis para me sentir no lugar certo e aprender o máximo que poderia, dia após dia, sempre com a preocupação de corrigir aquilo que estava errado e valorizar aquilo que fazia de positivo.

Em suma, posso dizer que não me arrependo nada do curso, nem do estágio e que foram ambas experiências bastante positivas que me irão ajudar, sem dúvida, tanto na minha vida profissional como pessoal.

Bibliografia

- Barbeiro, H. (2002). *Manual de telejornalismo: os segredos das notícias na TV*. São Paulo: Elsevier Editora
- Batista, M. (2018). Raccord. Consultado em 26/nov, 2022 em <https://knoow.net/arteseletras/cinemateatro/raccord/>
- Beirão, I. et al (2008) *Manual de Comunicação Empresarial*. Lisboa: Plátano Editora
- Bordwell, D. & Thompson, K. (2013) *Film Art: An Introduction*. Nova Iorque: McGraw Hill
- Cushion, S. (2012) *Television Journalism*. Londres: Sage Publications
- Canelas, C. (2010). *Os Sistemas de Edição de Vídeo: linear versus não-linear*. Covilhã: BOCC (Universidade da Beira Interior)
- Dubitsky, M. (2018). *What is a stand-in?*. Consultado em 26/nov, 2022, em <https://www.centralcasting.com/what-is-stand-in/>
- Hara, H. & Kurniawan, M. (2022) *Uma visão geral da produção de vídeo*. Consultado em 25/nov, 2022, em <https://www.adobe.com/pt/creativecloud/video/discover/video-production.html>
- Hofrichter, M. (2017). *Análise SWOT: quando usar e como fazer*. Porto Alegre: Simplissimo Livros
- Impresa, G (2013a). SIC. Consultado em 19/jul, 2022, em <https://www.impresa.pt/pt/apresentacao-do-grupo/as-nossas-marcas/2013-11-07-SIC-54f218c9>
- Impresa, G (2013b). SIC Notícias. Consultado em 19/jul, 2022, em <https://www.impresa.pt/pt/apresentacao-do-grupo/as-nossas-marcas/2013-11-07-SIC-Noticias-703e808c>
- Impresa, G (2016). SIC Esperança. Consultado em 19/jul, 2022, em <https://www.impresa.pt/pt/apresentacao-do-grupo/as-nossas-marcas/2016-03-01-SIC-Esperanca-76473a68>
- Impresa, G (2019a). Apresentação do grupo. Consultado em 19/jul, 2022, em <https://www.impresa.pt/pt/apresentacao-do-grupo>
- Impresa, G (2019b). Órgãos Sociais. Consultado em 19/jul, 2022, em <https://www.impresa.pt/pt/investor-relations/orgaos-sociais>
- Impresa, G (2019c). Responsabilidade Social. Consultado em 19/jul, 2022, em <https://www.impresa.pt/pt/responsabilidade-social>



Kovak, B & Rosenstiel, T. (2001) *The elements of journalism*. Nova Iorque: Three Rivers Press

Logopedia (2022). SIC. Consultado em 24/out, 2022, em <https://logos.fandom.com/wiki/SIC>

Porto Editora (2022). Voz-off. Consultado em 26/nov, 2022, em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/voz-off>

Priberam Informática (2022). Órgãos sociais. Consultado em 24/out, 2022, em <https://dicionario.priberam.org/%C3%B3rg%C3%A3os%20sociais>

Ventura, A (2017) Escala de planos televisivos. Consultado em 24/nov, 2022, em <https://know.net/ciencsocioaishuman/jornalismo/escala-planos-televisivos/>

Anexos

Lista de Anexos

Anexo I – Plano de Estágio

Anexo I – Plano de Estágio

PLANO DE TRABALHO

Ensino Clínico
Estágio
Cursos Técnicos Superiores Profissionais (CTeSP)
Licenciaturas
Mestrados

MODELO
GESP.004.05

Ano Letivo

2021/2022

Este documento é um complemento do formulário GESP.003 - CONVENÇÃO.

Escola: ESECD ESS ESTG ESTH

Tipologia: Curricular Extracurricular Outro: _____

Ao abrigo de protocolo ou especificidade formativa? Sim. Qual? _____

Informação adicional: (se aplicável)

Designação: _____

Ano curricular: _____ Semestre: _____ 1.º período 2.º período 3.º período

1. IDENTIFICAÇÃO DOS INTERVENIENTES

Estudante: André Filipe Sousa da Costa Gonçalves N.º de estudante: 1704198

Docente orientador(a): Prof. Jorge Gonçalves

Supervisor(a)/Tutor(a): Isabel Almeida

2. PLANO DE TRABALHO

Neste primeiro fase o aluno vai a acompanhar a equipa, para adquirir algumas noções do trabalho que se efetua por uma equipa de telecuidado. Como se refere ao trabalho a realizar que envolve a ajudar que pessoas idosas e que imaginações. A ideia é que a criança se familiarize com a situação. Por isso mesmo, o aluno será convidado a ver como se trabalha em casa e se a criança se pode ajudar a trabalhar e a ajudar por isso. Por isso o aluno será desafiado a elaborar um trabalho final que reflita o conteúdo do que vem a aprender.

3. ASSINATURAS

O(A) Estudante

04/05/2022
D D M M A A A A

André Gonçalves
(assinatura)

O(A) Docente Orientador(a)

06/05/2022
D D M M A A A A

Jorge Gonçalves
(assinatura)

O(A) Supervisor(a)/Tutor(a):

04/05/2022
D D M M A A A A

Isabel Almeida
(assinatura e carimbo)

Apêndices

Lista de Apêndices

Apêndice I – Passadiços do Mondego

Apêndice II – Julgamento de Autarcas

Apêndice III – Reportagem Especial – Uma estrela nunca morre

Apêndice IV – Direto – Congresso do CHEGA

Apêndice V – Alfaiates

Apêndice VI – Janela de esperança - Museu da Covilhã

Apêndice VII – Risco de Incêndio

Apêndice VIII – Direto – José Milhazes

Apêndice IX – Bênção dos rebanhos

Apêndice X – Lazer no interior

Apêndice XI – Onda de calor

Apêndice I –
Passadiços do
Mondego



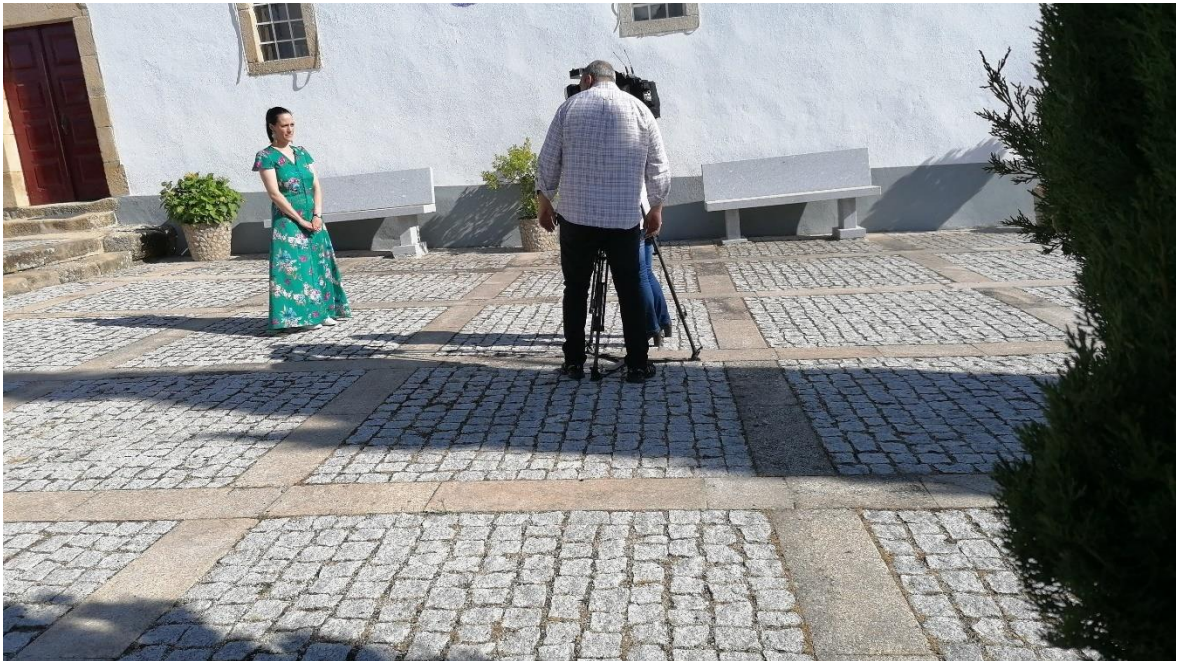
Apêndice II –
Julgamento de
Autarcas



Apêndice III –
Reportagem Especial
– Uma estrela nunca
morre











Apêndice IV – Direto
- CHEGA



Apêndice V – Alfaiates





Apêndice VI – Janela
de esperança - Museu
da Covilhã



Apêndice VII – Risco de Incêndio



Apêndice VIII –
Direto - Milhazes



Apêndice IX – Bênção dos rebanhos





Apêndice X – Lazer no interior



Apêndice XI – Onda de calor

